

# Metáfora e Saúde: uma guerra metafórica na luta contra um Estado em epidemia

Sérgio Nascimento de Carvalho

## Resumo

Este trabalho tem como justificativa o fato de observarmos, recentemente, a forte presença e relevância da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980/2002; GIBBS, 1994; KÖVECSES, 2002, 2005) da guerra, tanto no cenário internacional como no nacional. Do atentado às Torres Gêmeas em Nova York, em 2001, passando pelo período de pré-guerra do Afeganistão e do Iraque (CARVALHO, 2006) e, hoje, evidenciando-se na linguagem sobre a epidemia do dengue no Estado do Rio de Janeiro, as metáforas bélicas são acionadas para criar e reproduzir cenários cognitivos (MUSOLFF, 2006) que, em última análise, justificam discursos e ações.

Este artigo objetiva investigar expressões linguísticas metafóricas, licenciadas pela metáfora da guerra, a partir do gênero discursivo (BAKHTIN, 1992) - artigo jornalístico - publicado no Rio de Janeiro nos últimos anos sobre o combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, propagador da doença. Neste trabalho, fica evidenciada a relação de cumplicidade entre o escritor e o leitor, através da metáfora da guerra, possibilitando-nos, assim, chegar à conclusão de que quando na tentativa de erradicação de um inseto, sentimo-nos como se estivéssemos em uma situação bélica, onde se deflagra uma guerra. Dessa forma, mobilizando toda uma população a se armar (“ataques”, “contra-ataques”, “defesas”, etc) para lutar contra o inimigo destruidor.

Palavras-chave: metáfora conceptual; metáfora linguística; gênero discursivo.

## Abstract

This work aims at investigating metaphorical linguistic expressions licensed by the conceptual metaphor THE EVENT “X” IS AN ACT OF WAR based on the corpus analysis of texts taken from daily newspapers (2002-2008) from the State of Rio de Janeiro, Brazil, about the fight against *Aedes Aegypti*, the mosquito which is responsible for “dengue”, the disease the has been causing the death of many residents in the area. We can easily perceive the relationship between the author and the reader through the metaphor. Therefore, this prepares an entire population to combat against this destructive enemy.

Keywords: conceptual metaphor; linguistic metaphor; genre.

Partindo dos princípios teóricos estabelecidos por Lakoff e Johnson (1980; 2002), este artigo propõe-se a investigar a metáfora conceptual O ACONTECIMENTO / EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA subjacente às metáforas linguísticas que transformam, discursivamente, fatos e/ou acontecimentos em “atos de guerra”. Exploramos a hipótese de que essas metáforas são, frequentemente, usadas, cognitiva e linguisticamente, para justificar uma ação ou (re)ação.

O acontecimento focado neste trabalho tem como ponto de partida, segundo o gênero discursivo (BAKHTIN, 1992) – artigo jornalístico – em jornais diários publicados no Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008, o combate ao mosquito *Aedes Aegypti*. Neste trabalho, fica evidenciada a relação de cumplicidade entre o escritor e o leitor, através da metáfora. Dessa forma, mobilizando toda uma população a se proteger de diferentes formas contra o inimigo destruidor.

O estudo investiga como a conceptualização da invasão do mosquito transmissor do dengue se transforma em um “ato de guerra”, através de diferentes materializações no discurso, proporcionando um importante instrumento no processo de combate à doença e mortes que assolaram o Estado.

Procuramos mostrar, assim, como a metáfora pode desempenhar um papel relevante na ação ao combate do mosquito, uma vez que ela legitima conceptual e linguisticamente, determinadas visões ou implicações, que vão ao encontro de interesses específicos do Estado e dos cidadãos residentes na cidade.

O trabalho se apoia, teoricamente, nos estudos da metáfora da linguística cognitiva (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002; LAKOFF, 1987, 1991, 2002, 2005; KÖVECSES, 2002, 2004; CAMERON, 1999, 2003; CHARTERIS - BLACK, 2004).

O grande divisor de águas entre o conceito tradicional e a nova visão da metáfora foi a obra publicada pelo linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson em 1980, denominada *Metaphors We Live By* (Metáforas da Vida Cotidiana). Nesse estudo, os autores discutem a natureza e a estrutura da metáfora sob uma nova perspectiva: ela é conceptual e tem grande influência em boa parte do pensamento e da ação do homem. Os autores desenvolvem a tese de que a metáfora é um fator preponderante no funcionamento da mente humana, uma vez que, sem ela, até mesmo pensar seria impossível. Os pesquisadores contestam os pressupostos até então estabelecidos de que (a) toda linguagem convencional é literal, (b) tudo pode ser descrito e entendido sem o uso de metáforas, e (c) apenas a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira (LAKOFF, 1993).

Dentre os vários atributos conferidos à metáfora, há de se ressaltar o fato de que “esta carrega consigo argumentos emocionais que nos levam a alguma ação ou pelo menos dá um suporte emocional àqueles que a usam” (MIO *et al.*, 1996, p. 143). A metáfora, assim, é vista como um elo entre os argumentos lógicos e emocionais. Como tal, ela nos dá aquele sentimento de que estamos nos comportando racionalmente, embora isso possa não ser o caso. Essa característica da metáfora, evidente no discurso

persuasivo, tem apoio de vários pesquisadores como Bowers e Osborn (1966), Read *et al* (1990) e Reinsch (1971).

Segundo Cacciari (1998:147), a metáfora “dá a palavra”, por assim dizer, às partes relevantes de nossa experiência subjetiva do mundo, que de outra forma seriam difíceis de expressar. Além disso, a metáfora nos permite estender dinamicamente nossa atividade categórica (de categorização), sendo, portanto, um mecanismo – chave para modificar nossas maneiras de representar o mundo no pensamento e na linguagem. Ela é necessária epistemológica e comunicativamente.

No entanto, outros não atribuem tanta eficácia à sua função de persuasão como Bosman, reforçando o redimensionamento da importância cognitiva, discursiva e epistemológica da metáfora. Cameron (2003) enfatiza o seu inegável papel, no contexto educacional. Para a estudiosa, “metáforas não são somente recursos linguísticos que ajudam a explicar conceitos, mas realmente estruturam os próprios conceitos” (2003, p. vi). Entretanto, a linguista destaca o fato de que a metáfora é “imediatamente verdadeira e falsa, ao mesmo tempo disjuntivo e conectivo, comum, porém surpreendente” (*ibid.*). Cameron, porém, chama atenção para como as metáforas podem contribuir mais e ao mesmo tempo limitar a compreensão. Devemos ficar, portanto, atentos às interpretações indevidas das metáforas quando usadas para explicar o conhecimento científico e profissional. A autora também ressalta (1999, p. 77) que, na última década, o estudo da metáfora “explodiu”, mas pouco desse impacto se deu no campo da linguística aplicada, apesar do importante papel desse tropo na teoria e prática do ensino e aprendizagem de língua. Dessa forma, a análise da metáfora na educação, segundo a pesquisadora, pode lançar luz sobre as diversas maneiras pelas quais participantes, sejam eles aprendizes, professores, administradores ou pais, podem conceptualizar o que fazem ou melhorar seus desempenhos (*ibid*, p. 88).

Entretanto, é interessante ressaltar que essa visão cognitivista da metáfora (também chamada de construtivista por Ortony, 1993) já tinha sido explorada pelo filósofo italiano Vico, muito antes de Lakoff e Johnson, entre os séculos XVII e XVIII. O pensador fazia da metáfora o principal instrumento de uma forma de apreensão do mundo, visão esta inédita naquela época. Vico não toma a metáfora no âmbito individual, como obra do gênio poético de algum indivíduo. Ao contrário, ele dá ênfase ao aspecto coletivo do pensamento metafórico ao tomar como base para suas afirmações mitos, fábulas e a poesia épica de Homero (CERDERA, 2002).

A teoria da metáfora conceptual desenvolvida por Lakoff e Johnson tem como base um artigo escrito por Reddy, em 1979, no qual o autor introduz o conceito de “metáfora do canal”, que seria um tipo de metáfora conceptual. A partir dessa metáfora, segundo Green:

*As expressões linguísticas (palavras, sentenças, parágrafos, livro, etc) são comparadas a vasos ou canais nos quais pensamentos, ideias, sonhos são despejados e dos quais eles podem ser retirados exatamente como foram enviados, realizando uma transferência de posse (GREEN apud ZANOTTO, 1989, p. 15).*

As expressões abaixo, exemplos de expressões linguísticas, que seriam motivadas pela “metáfora do canal” e que, portanto, a evidenciariam na linguagem (*ibid*, p. 15). Exemplos:

*Não consigo pôr minhas ideias em palavras. Quem te deu essas ideias?*

*Até que enfim você está conseguindo passar suas ideias para mim.*

*Esse livro não traz muita coisa.*

*Suas palavras não estão carregadas de convicção.*

Zanotto (1998, p. 16) afirma que Green (1989, p. 10) tem uma explicação muito feliz para essa metáfora, tão presente na linguagem ordinária:

*Admite-se comumente que a linguagem constitui um veículo para o pensamento, que as palavras expressam pensamentos e fazem isso univocamente. Então você tem um pensamento, põe esse pensamento em palavras, que levarão o pensamento, e qualquer pessoa racional e sensata que conheça a linguagem será capaz sem esforço de ver seu pensamento, de pegar sua ideia” (grifos de Zanotto).*

Para ilustrar o fato de que “a metáfora é possível na linguagem porque está presente na mente”, Lakoff e Johnson (1980/2002, p. 46) utilizam o conceito de “tempo”, que é conceptualmente estruturado como “dinheiro”. Essa metáfora conceptual (TEMPO É DINHEIRO) é marcada, linguisticamente, em inglês, por várias expressões, entre elas (*ibid*, 1980/2002, p. 50):

*Você está desperdiçando meu tempo. Você está me fazendo perder tempo. (You are **wasting** my time)*

*Esta coisa (engenhosa) vai te poupar horas. (This gadget will **save** you hours.)*

*Eu não tenho tempo para te dar./ Eu não tenho tempo para você. (I don't **have** the time to give you.)*

Como você *gasta* seu tempo hoje em dia? Como você usa o seu tempo hoje em dia? (*How do you **spend** your time these days?*)

A partir dessa visão, a metáfora, mais do que nunca, começa a ser vista como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um simples ornamento do discurso (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002, 1999; ORTONY, 1993; GIBBS & STEEN, 1999).

Enquanto fenômeno cognitivo, as metáforas são mapeamentos entre domínios conceptuais: do domínio fonte para o domínio alvo. A estrutura DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE<sup>1</sup> é usada como forma mnemônica de nomear esses mapeamentos metafóricos. Não devemos, assim, confundir o nome do mapeamento com o próprio. Mapeamento é o conjunto de correspondências conceptuais. Por exemplo, a forma mnemônica TEMPO É DINHEIRO se refere ao conjunto de correspondências conceptuais entre TEMPO e DINHEIRO.

A metáfora, assim, envolve tanto os mapeamentos conceptuais quanto as expressões linguísticas. Entretanto, na perspectiva da teoria da metáfora conceptual, a língua é secundária, no sentido de que é o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio fonte para o domínio alvo (LAKOFF, 1993, p. 209). Porque o foco de interesse é o mapeamento, o termo *metáfora* refere-se, normalmente, ao mapeamento e não às expressões linguísticas metafóricas (VEREZA, 2004). A língua, principalmente o léxico, seria, fundamentalmente, vista como um reflexo do sistema conceptual humano. Dessa forma, é através de um estudo detalhado da maioria das expressões lexicais relacionadas a determinados conceitos que os linguistas cognitivos têm identificado grande parte desse sistema (KÖVECSES, 1990, p. 41).

A função da metáfora é, assim, a de estender as capacidades de comunicação e, principalmente, conceptualização do ser humano. A metáfora é uma “janela” para os sistemas de conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura.

O Estado do Rio de Janeiro nos últimos anos, mais precisamente, de 2002 até 2008, enfrenta uma verdadeira invasão do mosquito do dengue e, assim, acometendo um número enorme de residentes com a doença e, em muitos casos, mortes.

---

<sup>1</sup> Tecnicamente, o mapeamento é representado por DOMÍNIO ALVO para DOMÍNIO FONTE.

A partir de agora, pretendemos mostrar como essas marcas linguísticas conseguem criar uma realidade de guerra, através de pessoas que estão direta ou indiretamente envolvidas na eliminação do foco do mosquito.

## A LUTA ARMADA

- *Fragments de artigos de jornais pesquisados:*

a) “Por isso, estranho que, até agora, não haja uma **brigada** de fumacês **combatendo** o *Aedes aegypti* por aí.” (ARTUR XEXÉO, *O Globo*, 09/04/2008).

b) “Qual é o problema de se **atacar** o mosquito adulto?” (ARTUR XEXÉO, *O Globo*, 09/04/2008).

c) “(...), há a necessidade de serem **executadas medidas de controle** (...).” (ARTUR XEXÉO, *O Globo*, 09/04/2008)

d) “(...) por que cargas d’água o Ministério da Saúde ainda não liberou uma grana para **ocupar** Rio com carros fumacê?” (ARTUR XEXÉO, *O Globo*, 09/04/2008).

f) “A **guerra** do Rio **contra** o mosquito *Aedes aegypti* (...).” (*O Globo*, 09/03/2002).

g) “Só assim o **inimigo** será **vencido**.” (*O Globo*, 09/03/2002).

h) “Biólogos **contra** a dengue.” (*O Globo*, 09/03/2002).

i) “Mosquito da dengue volta a **ameaçar** o Rio.” (*O Globo*, 22/09/2002).

j) “Estou na **luta** contra o dengue (...) para **vencermos** o mosquito.” (*O Globo*, 09/03/2002).

k) “A mil no **combate** ao dengue. A informação e a prevenção são as **armas** mais poderosas na **luta** contra o dengue.” (*O Globo*, 09/03/2002).

l) “O *Aedes* **ataca**.” (*O Globo*, 09/04/2008)

- *Planejamento para se defender de um ataque:*

a) “(...), os candidatos Eduardo Paes e Fernando Gabeira já definiram **estratégias** de combate à doença.” (*O Globo*, 16/10/2008).

Assim como, em qualquer estado de guerra, há que se estabelecer um objetivo.

*-O objetivo do ataque:*

- a) “A dengue não faz distinção alguma ao **atingir** o ser humano.” (*J. do Brasil*, 12/04/2008).

Para que a guerra seja justa, há que se ter o inimigo exercendo o seu poder.

*- O inimigo ataca:*

- a) “Moradores da Urca são **atingidos** pela dengue.” (*J. do Brasil*, 17/03/2007).
- b) “A paz no bucólico bairro da Urca, (...), está **sob ameaça** do mosquito da dengue.” (*J. do Brasil*, 17/03/2007).

Toda a guerra tem que ter um apoio logístico para combater o inimigo.

*-Os instrumentos de guerra:*

- a) “Ontem **munidos** de bolsas amarelas, recipientes de plástico, (...)” (*O Globo*, 09/03/2002).
- b) “(...) Gabeira acena com a possibilidade de recorrer a **aeronaves não-tripuladas** para identificar focos de dengue.” (*O Globo*, 16/10/2008).
- c) “Explicou Gabeira, que não descarta utilizar **helicópteros e aeronaves não-tripuladas** para mapear áreas de difícil acesso.” (*O Globo*, 16/10/2008).

Na guerra, o comando vem do poder.

*- A ação que emana de uma autoridade:*

- a) “ (...) segundo o assessor de Comunicação Social do **Comando** Militar do Leste, coronel Ivan Cosme, vai durar enquanto houver necessidade de reforço.” (*O Globo*, 09/03/2002)

Saber onde será travada a batalha é primordial na disputa bélica.

*- A Identificação/local do campo bélico/conflito:*

- a) “A identificação imediata das **áreas críticas**, como piscinas, (...)” Ressalta o epidemiologista, Roberto Medrono, da UFRJ. (*O Dia*,

18/09/2002).

b) “O **inimigo se esconde dentro de casa**, ataca sorrateiramente de manhãzinha e já matou 27 pessoas no Estado.” (*O Globo*, 09/03/2002).

c) “Sabemos que o mosquito não vê **fronteiras**, (...)” (*O Globo*, 16/10/2008).

Para se conquistar uma vitória, o inimigo precisa buscar outros sítios da disputa:

- *O inimigo avança e procura outros campos de batalha:*

a) “Estou preocupado com o **avanço** da doença – contou Marcus.” (*J. do Brasil*, 17/03/2007)

b) “Mas esta **guerra não termina em casa**: o **inimigo** voa até um quilômetro **em busca de** alimento e pode se **esconder** nas casas dos vizinhos, (...).” (*O Globo*, 09/03/2002)

Manobras de guerra fazem parte da contenda.

- *As ações táticas:*

a) “O peemedebista diz que pretende **treinar**, (...) servidores da Guarda Municipal (...)” (*O Globo*, 16/10/2008)

b) “(...) , acredita Gabeira, conseguirá **mobilizar** recursos para evitar mortes.” (*O Globo*, 16/10/2008)

O lado opositor precisa se proteger contra o adversário.

- *A proteção contra o inimigo: defesa e/ou ataque*

a) “Especialistas tiram dúvidas no **combate ao dengue**.” (*O Globo*, 09/03/2002)

b) “ (...) a boa alimentação (...) é fundamental para **enfrentar** a virose (...)” (*O Globo*, 09/03/2002).

c) “Para evitar tragédia, Estado começa a **traçar plano de combate**.” (*O Globo*, 09/04/2008)

d) “ Numa **ação antidengue**, (...)” (*O Globo*, 09/03/2002)

e) “É importante criar um **dia D** para que as pessoas participem, já que o governo não sabe mais o que fazer.” (*O Globo*, 09/04/2008)



f) “É preciso que toda a população se una para **vencermos** esta **guerra**.” (*O Globo*, 09/03/2002).

g) “As **ações** para **combater** a epidemia.” (*O Globo*, 09/03/2002).

Na guerra, os ataques são verdadeiros meios de defesa do adversário.

*O caos instalado, começam os confrontos: a luta entre população e autoridades:*

a) “Opinião pública é **alvo** de ambos.” (*O Globo*, 16/10/2008).

b) “(...) o **dia D** de **combate** ao dengue acontecerá contra a vontade do prefeito Cesar Maia . (...) contou ontem que foi voto vencido. (*O Globo*, 09/03/2002)

O atacado tenta reagir contra às acusações do adversário.

*O contra-ataque: o Estado é acusado de negligência e se sente obrigado a reagir:*

a) “Os hospitais e serviços de saúde privados continuam **envolvidos na luta do Rio contra** a dengue. Participe!” (SINDHERJ, *O Globo*, 09/03/2002)

b) “Todos devemos participar ativamente do **combate à doença**.” (SEBRAE, *O Globo*, 09/03/2002)

c) “O ministro da Saúde, Barjas Negri, vai participar hoje no Rio de **ações** comunitárias de **combate** ao dengue.” (*O Globo*, 09/03/2002)

d) “A prefeitura de Angra dos Reis, porém, **defende** que a situação do município não é tão grave quanto parece.” (*J. do Brasil*, 12/04/2008)

e) “A governadora Benedita da Silva, que esteve na reunião de apresentação do **plano contra** o dengue.” (*O Globo*, 09/03/2002)

f) “FORA! Meio milhão de agentes de saúde e voluntários saem hoje às ruas para **acabar** com o mosquito do dengue.” (*O Globo*, 09/03/2002)

g) “Hoje, desde cedo, 500 mil **combatentes** vão **vasculhar** casas, ruas, terrenos e praças para erradicar focos. São 20 mil **guardas** sanitários, entre **soldados** do Exército, da Marinha, bombeiros, agentes da Defesa Civil e de secretarias municipais e estadual.” (*O*

*Globo*, 09/03/2002)

h) “Governo estadual cria o Programa Permanente de **Combate** ao Dengue.” (*O Globo*, 15/06/2002).

i) “Governo federal divulgará programa de **combate** à doença e prefeitura contratará **mata**-mosquitos.” (*O Globo*, 23/07/2002).

j) “Entre outras providências, Côrtes decidiu **centralizar** todas as **ações de combate** à dengue no Corpo de Bombeiros.” (*J. do Brasil*, 12/04/2008)

Como em toda guerra, há os elementos que compõem o conflito armado.

*Os sujeitos envolvidos no conflito:*

a) “( ...) 40 **soldados** do Exército ( ...).” (*O Globo*, 09/03/20).

b) “Para se tornar um **voluntário** e participar das próximas campanhas.” (*O Globo*, 10/11/2002)

c) “Estado terá **força-tarefa** para combater dengue.” (*O Globo*, 16/08/2002)

d) “O governo do Estado treinará 2.500 **bombeiros** para atuarem como agentes de endemias, ( ...).” (*O Globo*, 16/08/2002).

Ao final de uma batalha ou mesmo antes de ser declarado o vencedor, há sempre um déficit que poder ser positivo ou negativo. É o preço que se paga pela disputa.

*As consequências de uma guerra:*

a) “( ...) o presidente da Funasa, Mauro Costa, estima que haverá **queda** drástica nas estatísticas do dengue até o fim do ano.” (*O Globo*, 09/03/2002)

b) “Como sempre, o número de casos da doença **cairá** com o final do verão.” (*O Globo*, 09/03/2002)

c) “No Estado, quatro pessoas já morreram **vítimas** da dengue ( ...).” (*J. do Brasil*, 02/03/2007).

d) “A **escalada** da doença é visível, segundo os números divulgados ( ...).” (*J. do Brasil*, 12/04/2008)

e) “( ...) se indica que a dengue está **recuando**, é cedo dizer.” (*J. do Brasil*,

12/04/2008)

f) “A última epidemia **matou** 102 pessoas na capital, (...) segundo a Secretaria municipal de Saúde.” (*O Globo*, 16/10/2008).

### Conclusão

Este artigo teve como proposta entender o papel e o funcionamento da metáfora conceptual de guerra O ACONTECIMENTO / EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA que é muito produtiva não só em uma crise de saúde, como a epidemia do dengue, mas também no discurso jornalístico. Para isso, uma análise de um corpus com trechos retirados de palavras e expressões bélicas nas falas dos indivíduos envolvidos diretamente ou não na crise apresentada.

Na análise, evidenciada pelos exemplos retirados dos artigos de jornais, já apresentam, de certa forma, as conclusões resultantes da pesquisa, uma vez que as etapas da guerra caracterizam os momentos e processos de armação bélicos para uma disputa que se arma com o propósito de vencer o inimigo. Entendemos que o discurso presente nos artigos mobiliza toda uma população para enfrentar uma situação caótica de um Estado com problemas na área de saúde, no caso, o dengue.

Assim, em pouco tempo, a proliferação do mosquito do dengue durante esse período passou a ser conceptualizado e explicitamente referido como um “ato de guerra”, através da presença de marcas linguísticas que propiciam *implicações* da metáfora estudada no trabalho. É a campanha discursivamente promovida como “guerra ao mosquito do dengue”, lançada no Estado do Rio de Janeiro: o inimigo, o mosquito do dengue, ameaça ao Estado como um inimigo.

A análise, assim, enquadrando cognitiva e linguisticamente a justificativa para o ataque ao mosquito causador da epidemia no Rio de Janeiro. A metáfora conceptual em estudo, O ACONTECIMENTO / EVENTO “X” É UMA ATO DE GUERRA, é central na construção de um enquadramento conceptual de guerra. Essa metáfora desencadeia na população do Estado um sentimento de união entre seus cidadãos e dirigentes caracterizados pelo efeito de persuasão que esse tropo nos traz.

Acreditamos que o estudo tenha contribuído para a pesquisa na área da metáfora em geral e, mais especificamente, para a compreensão do papel da metáfora no discurso.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M.M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec [1929], 1992.
- BOWERS, J. W.; OSBORN, M. Attitudinal effects of selected types of concluding metaphors in persuasive speeches. **Speech Monographs**, 33, 1966, pp.147-155.
- CACCIARI, C. Compactness and conceptual complexity of conventionalized and creative metaphors in Italian. In: HILLERT, D. (Ed.). **Syntax and Semantics**, vol. 31, A crosslinguistic perspective: New York: Academic Press, 1998, pp.404-425.
- CAMERON, L. Discourse context and the development of metaphor in children. **Current Issues in Language and Society**, 3 (1/2); 1966, pp.49-64.
- \_\_\_\_\_. Working with the complexity of language in use: The case of metaphor. Paper presented at the 1997 Annual Meeting of the British Association for Applied Linguistics University of Birmingham, 1997a.
- \_\_\_\_\_. Survey article: Metaphor. **Language Teaching**, 32, 1999b; pp.77-96.
- \_\_\_\_\_. Metaphor in the Learning of Science: a discourse focus. **British Educational Research Journal**. Vol. 28, nº 5, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Metaphor in Educational Discourse**. London: Continuum, 2003.
- CAMERON, L.; LOW. G. **Researching and Applying Metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- CERDERA, C. P. **O discurso da ciência e a construção do real**: um estudo das metáforas ontológicas em textos de química. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, RJ, 2002. Orientador: Profª Drª Solange Coelho Vereza.
- CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. London: Palgrave MacMillan, 2004.
- GIBBS, R. W.; STEEN, G. eds. **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- KÖVECSES, Z. **Emotion concepts**. New York: Springer-Verlag, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Metaphor: a practical introduction**. Oxford: Oxford U. Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. Language, Figurative Thought, and Cross-Cultural Comparison. In: *Metaphor and Symbol*, 18(4), 311-320, Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2003.
- LAKOFF, G. The meaning of literal. **The metaphor and Symbolic Activity** 1(4), p. 291-296, 1986.

\_\_\_\_\_. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind.** Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the gulf. An open letter to the Internet. The Metaphor Home Page, [www.compapp.decu.ie/~tonnyv/metaphor.html](http://www.compapp.decu.ie/~tonnyv/metaphor.html), 1991.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.), **Metaphor and Thought.**, 2<sup>nd</sup>.ed., Cambridge: Cambridge University Press; 1993, pp. 202-252.

\_\_\_\_\_. *Metaphors of Terror.*  
<http://www.press.uchicago.edu/News/911lakoff.html>, 2001

\_\_\_\_\_. **Moral Politics**, 2<sup>nd</sup>., Chicago e London: U. C. Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *War on Terror, Rest in Peace.* [Http://www.alternet.org/story/23810](http://www.alternet.org/story/23810), 2005.

\_\_\_\_\_. **Politicians and Rhetoric.** London: Palgrave, 2005.

\_\_\_\_\_. **Metáforas da vida cotidiana.** Mercado das Letras. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). Coord. Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. SP., 2002.

ORTONY, A (ed.) **Metaphor and Thought.** 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

READ, S. J. I. L., JONES, D. K. & COLLINS, N. L. When is the federal budget like a baby? Metaphor in political rhetoric. **Metaphor and Symbolic Activity**, 5, 1990; pp.125-149.

REDDY, M. (1979). The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In ORTONY, A. (ed.). **Metaphor and thought**, End. Ed., Cambridge: Cambridge University Press; 1993; pp.164-201.

REINSCH, N. L. An investigation of the effects of metaphor and simile in persuasive discourse. **Speech Monographs**, 38, 1971; pp.142-145.

VEREZA, S. **Literalmente falando: o sentido literal como metáfora.** Cognitivo - Pragmática, tese de doutorado, PUC/SP, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Anotações e seminários durante o curso *A indeterminação do sentido e conceitual no discurso.* Niterói, UFF, 2º Sem, 2001.